



**AVIDA
DE FÉ**
equilibrada
Jimmy Swaggart

A VIDA DE FÉ EQUILIBRADA

Jimmy Swaggart

Digitalizado : Karmitta

Revisão : Fabrício

LANÇAMENTO



<http://semeadores2.blogspot.com>

Porque tudo o que é nascido de Deus vence o mundo; e esta é a vitória que vence o mundo,- a nossa fé. 1 João 5:4

Uma vez mais me encontro na posição em que os pregadores muitas vezes se encontram quando, sinceramente, tentam proclamar a verdadeira palavra de Deus. *Sei* que esta mensagem não será popular. Embora alguns a. recebam com entusiasmo e pleno acordo, infelizmente a alguns trará raiva e a outros, amargura.

Mas quando o ministro do evangelho dedica sua voz e mente a proclamar as mensagens que ele sente que Deus *deseja* sejam proclamadas, inevitavelmente encontrará resistência. Vezes sem conta sua decisão de *fazer* as coisas que ele *disse* estar disposto a fazer, será posta à prova.

Dentro da comunidade cristã há muitos elementos conflitantes de doutrina a respeito dos quais devemos ficar calados se não desejarmos encrespar as águas cristãs. Mas é isto que Deus deseja? Tenho certeza que não. Deus podia ter mantido as circunstâncias *religiosas* mais calmas se não tivesse enviado seu Filho unigênito a fim de *turvar* as águas da religião estabelecida daquele dia.

Da mesma forma, ensinam-se hoje filosofias que podiam ser aceitas superficialmente. Então, é certo, que a irmandade cristã fluiria mais suavemente. Mas é isso o que Deus deseja? De novo eu diria que não.

Os sentimentos de "ter tudo em ordem" ou estar "completamente sintonizados com Deus" vêm-nos de vez em quando e são, tenho certeza, na maioria das vezes, a vontade expressa de Deus *para essa época*. Deus usa instrumentos de ensino diferentes e diferentes métodos para épocas e situações diferentes. Nós, seres finitos, entretanto, tentamos limitar a Deus. Dizemos: "É assim que *tem de ser*, porque foi desta maneira que aconteceu comigo", ou "É assim que *tem de ser* porque foi desse modo que aconteceu da *última vez*". Como Deus deve rir-se de nós!

Vou comentar algumas práticas religiosas que, creio eu, têm-se tornado excessivas em nossa época. Aos que me criticarem por expressar estas opiniões apressar-me-ei a acrescentar: Eu também incorri em alguns erros que hoje condeno. Somente nos desenvolvemos mediante o crescimento. Creio que o Senhor me deu a sabedoria, *pela experiência*, a fim de reconhecer e corrigir os erros cometidos no passado. Talvez, ao salientar esses erros, eu venha a influenciar outros que *atualmente* podem estar-se desviando. Talvez eles também examinem seus corações e compreendam que as doutrinas simplistas e inflexíveis raramente vêm de Deus. Simplesmente peço que *todos* leiam esta mensagem em atitude de oração, e se ela contiver algo que seja aplicável à sua situação, peço que Deus lhe toque o coração enquanto a lê.

A VIDA DE FÉ

A expressão "Vida de Fé" tem tido bastante popularidade nos círculos cristãos. Este princípio sadio e legítimo tem sido uma força poderosa em minha própria vida. Descobri seus conceitos pela primeira vez há uns dez ou doze anos quando começou a ser ensinado por todo o corpo cristão.

Se *não fosse* pelo princípio da Vida de Fé e pelos ensinamentos deste assunto, creio sinceramente que este ministério em particular jamais poderia ter alcançado a posição que ocupa hoje. É claro que ainda não atingimos a meta. Reconhecemos que sempre teremos áreas que podem receber melhorias e crescimento, realizações que ainda não atingimos.

Mas seguindo o mesmo raciocínio, também sabemos que o Senhor nos tem abençoado de maneira única e nos tem dado a oportunidade de influenciar muitas vidas *mediante* este ministério. Somos gratos a Deus *por* isto, reconhecendo ao mesmo tempo que o ministério da Vida de Fé tem fortificado e robustecido nossa situação presente de fé e confiança.

Somente *através* do poder e da grandeza de Deus é que o progresso pode ser alcançado na vida cristã. A Mensagem da Fé literalmente transformou minha vida e meu ministério. Jamais me esquecerei desse momento. Fui subitamente transformado de um pregador derrotado em um pregador vitorioso. Fui, instantaneamente, tirado da doença para a saúde. Repentinamente pude sair da fraqueza da condição humana e passar para o poder de Deus.

Atualmente temos programas em mais de 600 estações de rádio e quase 300 estações de televisão. Temos uma das maiores audiências do mundo. Nossas cruzadas atraem multidões espantosas, algumas das maiores na evangelização hodierna.

Quem é o responsável por isso? Não há dúvida, é o Deus Todo-poderoso. Ao mesmo tempo, estou absolutamente *convencido* de que se não fosse pela Mensagem da Fé não estaríamos vendo um décimo (talvez nem um centésimo) dos resultados deste ministério.

Há certos homens que se sobressaem hoje nos Ministérios de Fé; tenho por eles profundo respeito. Tenho-os em alta estima. É certo que ultimamente tem havido tal influxo de ministros na área da Fé, que existem centenas (talvez milhares) aos quais não conheço pessoalmente.

É claro que, em realidade, não faz diferença alguma eu conhecer ou não cada ministro individualmente. Gostaria de deixar claro que analiso uma *filosofia*, uma questão de ponto de vista dentro do Movimento da Fé e — lembrando-me da grande consideração que tenho para com muitos destes ministros da fé, antigos e recentes, mais o fato de eu atribuir meu êxito nesse ministério à Mensagem da Fé — espero que ninguém pense que o que tenho a dizer seja um ataque *pessoal*, ou uma mensagem dirigida a certos ministros.

TEMPOS DE MUDANÇA

Há cerca de três ou quatro anos, tomei consciência dos fatores que causavam preocupação. Era como se o Ministério da Fé desenvolvesse um caráter todo seu, cujos limites se estendiam para além do ponto com o qual podia relacionar-me. Repentinamente, curas e milagres estavam sendo proclamados de maneiras tais que eu achava difícil correlacioná-los com a Palavra de Deus.

Subitamente ensinavam-se aos cristãos que podiam *confessar* sua própria utopia; podiam *crer* para obter coisas que cristão racional algum pediria dentro da estrutura de suas habilidades particulares ou posição na vida. Provinha isso de Deus? Fiquei confuso porque os pregadores por todo o país proclamavam que esse "sistema" era funcional.

Noite após noite, culto após culto, voltava a meu quarto de hotel e ficava a revirar-me na cama a noite toda, *perturbado* em meu coração por causa da maneira em que as coisas iam. Eu pregava a Mensagem da Fé mas já não me sentia *confortável* com ela.

Em toda a minha vida e ministério tenho *ardentemente* procurado discernir a vontade de Deus. Jamais, em tempo algum, quis dizer alguma coisa que impedisse ou prejudicasse o crescimento cristão de qualquer pessoa presente. Entretanto, compreendo que quando um ministério atinge as proporções que este atingiu, vários milhares de pessoas podem ser influenciadas por nossas afirmativas de menor importância.

Vezes sem conta tenho implorado a Deus que me desvie de qualquer erro que possa causar problemas ou dificuldades aos que confiam em meu ensino. Não tenho em pequena conta a responsabilidade de pregar o evangelho. Creio que a Palavra de Deus deve ser o fundamento de cada uma de nossas palavras e ações, especialmente para aqueles de nós que somos ministros do evangelho de Jesus Cristo. Devemos confrontar com as Escrituras infalíveis e inspiradas cada palavra que entregamos.

Tenho prometido a Deus — e às pessoas que em mim confiam — que jamais as desapontarei; que jamais as manipularei; que jamais as explorarei. Tenho me comprometido a sempre pregar o que *eu* creio ser "Assim diz o Senhor".

NOVA DIREÇÃO

Muitas noites fico acordado até alta madrugada. E muitas lágrimas tenho derramado enquanto clamo ao Senhor que me revele seu caminho. Embora eu estivesse *tentando* pregar o que o Senhor me colocava no coração, eu sabia que algo não estava certo. Percebia que Deus estava tentando comunicar-me que alguma coisa estava fora do lugar; entretanto, não compreendia.

Subitamente, a mensagem penetrou-me o espírito. Jamais me esquecerei daquele dia. Tínhamos chegado numa noite de quinta-feira a uma cidade e nossa cruzada começaria na noite de sexta. Nessa manhã de sexta-feira, por acaso coloquei uma fita de A. N. Trotter no gravador. Não me lembro de quem me havia dado essa fita. No início do meu ministério eu havia pregado em reuniões de acampamento com o irmão Trotter. Os que conhecem esse ministério lembrar-se-ão que sempre serei grato ao irmão Trotter por expor muitos dos princípios que ainda dirigem minha vida e ministério.

Fazia anos que não o ouvia falar. Quando a fita começou a tocar terminei de barbear-me e fui para o quarto; esquecido do que estava fazendo, sentei-me à beira da cama. Enquanto a fita continuava, senti uma unção poderosa do Espírito de Deus na mensagem que ele pregava. Antes de ele terminar (e sem que o percebesse) eu estava no chão daquele quarto de hotel, chorando.

Soluços convulsivos sacudiam-me o corpo. Tão forte e tangível era a presença de Deus que, creio eu, se tivesse continuado por mais algum tempo, não a poderia ter suportado fisicamente. Em meio de todo esse sentimento da presença de Deus, ele falou-me com clareza inquestionável.

— Volta para a cruz.

Foi a mensagem que recebi de Deus: *Volta para a cruz!*

Oh, Deus não me disse que *deixasse* a Mensagem da Fé daqui para diante. Ele disse-me que eu não devia chamar demais a atenção para um *aspecto* do relacionamento de Deus com o homem, com a exclusão do programa total de Deus. Meu assunto principal devia ser a cruz.

Isso mudou-me a vida. Tirou-me aquele sentimento horrível de alienação involuntária de Deus. Mudou para sempre meu ministério. Outro dia um homem escreveu-me dizendo: "Irmão Swaggart, você mudou um pouco seu ministério nos últimos anos." Esse homem está certo. Mudei a *ênfase* do meu ministério nos poucos anos passados.

Creio que esta ênfase renovada na cruz é precisamente onde o Espírito Santo *deseja* que centralizemos este ministério. Sinto-me confortável agora com a direção na qual estamos nos movendo. Significa isto que a *nossa* direção e ênfase devem ser a direção e ênfase para *todo* ministério hoje? Anos atrás eu

poderia ter dito: "Sim, é o caminho pelo qual Deus deseja que todos trilhem."

Espero, entretanto, com o pouco de sabedoria adquirida com a passar dos anos, não mais cair nessa armadilha muito humana. Tudo o que direi agora é que estou convencido de ser esta a vontade de Deus para *este* ministério.

I. FÉ OU PRESUNÇÃO

A fim de compreender melhor o relacionamento entre Deus e o homem, devemos perceber que há uma diferença definida entre revelações específicas dadas em épocas particulares (ou a certos indivíduos), e as revelações dadas como verdades eternas e gerais reveladas por Deus ao homem. Esta, (verdade eterna), usa a palavra grega *Logos*. As verdades específicas e particulares estão incluídas no significado da palavra *Rhema*.

Logos (em sua essência básica), significa "o verbo" ou "palavra". Mas traz em seu significado *completo* a idéia de *conhecimento* acerca de um assunto, uma idéia, uma filosofia, ou um conceito.

Podemos (e não tenho pretensão alguma de ser erudito bíblico, embora me orgulhe de admitir que sou *estudante* da Bíblia) absorver algo da essência da palavra *Logos* indo a João 1:1. *No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.*

Temos aqui o uso da palavra grega *Logos*. Por quê? Porque esta é uma afirmativa universal e básica. Esta afirmativa é verdade agora, sempre foi e sempre será. Não importa quais sejam nossos pontos de vista a seu respeito; Deus afirmou este *fato*.

Rhema, por outro lado, refere-se a um tempo específico para um povo específico em um lugar específico. Em Atos 13 :42 o vocábulo "palavras" é tradução do grego *Rhema*. Quando os judeus iam saindo da sinagoga, rogaram os gentios que estas palavras lhes fossem repetidas no sábado seguinte.

Aqui as "palavras" entregues aos cidadãos foram uma palavra específica para aquele tempo e lugar específicos e não possuíam a permanência universal e doutrinária da afirmativa de João 1:1.

É claro que uma palavra *Logos* — doutrina universal, imutável e diretamente de Deus — pode-se transformar em mensagem (palavra) *Rhema*. Transforma-se pela mudança no coração do ouvinte. A palavra *Logos* é, antes de tudo, a verdade de Deus, mas não implica *aceitação* universal desta mensagem. Tome a afirmativa de João citada acima. Eu sei, e você sabe, que esta afirmativa é verdadeira e não admite contradição. Mas, faça--se uma estatística mundial a fim de ver se o mundo aceita ou não esta afirmativa e teremos dados que sem dúvida provarão que esta afirmativa *não* é aceita pela maioria dos que a ouvirem.

Talvez tenha existido uma época em *sua* vida em que você *não* aceitava tal fato. Mas então você foi salvo e, repentinamente, essa afirmativa *Logos*

tornou-se uma afirmativa *Rhema* — com significação particular para você. Isto é verdade com relação a todos nós que somos salvos.

O aspecto *Logos* desta (ou de qualquer doutrina infalível de Deus) não depende de nossa aceitação nem de nossa rejeição para ser mais ou menos verdadeira. A verdade de Deus é eterna e imutável. Nossa interpretação da verdade de Deus de modo algum a altera. Ela não se torna mais verdadeira por aceitarmos-la, nem menos verdadeira se não o fizermos

Mas essa verdade se transforma completamente quando alteramos nossas mentes e a aceitamos como afirmativa de Deus. Subitamente a Palavra de Deus fala em particular a nosso coração. Agora ela se transforma em *Rhema* — no que se refere a nós — quer a maior parte do mundo a aceite ou não.

Portanto, quando vamos à Palavra de Deus procurando direção, e quando nos dirigimos ao Senhor em oração buscando direção *pessoal*, devemos ter cuidado em distinguir entre situações *Rhema* e situações *Logos*. Às vezes a palavra que recebemos é *Logos*, mas em muitos casos é *Rhema*

FALHA EM DISCERNIR A DIFERENÇA

É quando falhamos em discernir a diferença entre *Rhema* e *Logos* que incorremos em dificuldades, quando acabamos andando em presunção enquanto *-pensamos* estar andando pela fé. Eis uma ilustração do que quero dizer.

Quando os filhos de Israel entraram na Terra Prometida, Deus deu a Josué instruções específicas (apesar de um pouco estranhas) de como ele devia lidar com a cidade de Jerico.

Josué obedeceu ao plano de Deus *à risca*, o que lhe deu uma vitória rápida e decisiva para as hostes israelitas.

É claro que esta era uma situação *Rhema*. Deus mandou que Josué marchasse ao redor das muralhas em silêncio certo número de vezes e então, em um tempo específico, mandasse o povo gritar e tocar as trombetas.

Josué *podia* ter tentado o mesmo método em cada cidade que ele atacava enquanto se ocupava em expulsar os pagãos da terra. É claro que não haveria sentido em fazer isso. E o motivo é que a palavra de Deus a Josué no milagre de Jerico era *Rhema*. Era específica e somente para a cidade de Jerico. Não implicava, de modo algum, uma verdade eterna, estabelecida por Deus a fim de derrubar *qualquer* muralha com o toque de trombetas. Deus preencheu a necessidade do momento com a demonstração de um milagre *específico*.

Josué não acreditou nem por um momento que esta era alguma nova lei "natural" maravilhosa com a qual podia contar toda vez que assediava uma cidade. Josué reconheceu que se tratava de uma manifestação específica para uma ocasião específica. Esta foi uma palavra da ordem *Rhema* para Josué — e Josué a reconheceu como tal. Ele nunca tentou usar este método contra outra muralha.

Como nós, os cristãos, temos a tendência de operar hoje? Se estivéssemos entre o bando de israelitas que participaram na vitória de Jerico, certamente que teríamos passado o restante de nossa vida pregando a doutrina do ministério da trombeta. Pegaríamos o versículo bíblico "... o mesmo ontem, hoje e para sempre ..." como nosso estandarte, e então gritaríamos: "Deus nunca muda." Gastaríamos horas liderando grupos em marchas ao redor de muralhas com nossas trombetas soando e — verificando que essas muralhas *não* caíam — permaneceríamos "firmes na fé" afirmando que a muralha *tinha* caído! (Era óbvio que simplesmente não tínhamos a fé bastante para ver que a muralha *havia* caído.)

Algum tempo atrás Deus chamou-me mui específica e definitivamente a fim de que levasse meu ministério para o rádio e para a televisão. E mais que isso; devia expandi-lo tão rapidamente quanto possível. Mandou-me que prosseguisse sem temor de fracassar. Eu devia ter um programa de âmbito nacional quase imediatamente. Você sabe o que aconteceu. Este ministério floresceu de uma maneira sem precedentes e em pouco tempo estávamos em estações de rádio por todo o país e por todo o mundo.

Que foi que eu fiz? À medida que meu nome se tornava conhecido, ministros procuravam-me pedindo conselhos sobre como programar seus esforços na evangelização. Que lhes disse eu? Disse-lhes que fizessem *exatamente* como eu tinha feito. O resultado foi um testemunho à minha recomendação, e muitos seguiram meu conselho.

O que aconteceu a esses pregadores? Com poucas exceções, quase todos fracassaram e sei que alguns *ainda* não se desembaraçaram dos seus problemas.

Que estava eu fazendo quando os aconselhei? Citava uma palavra de natureza *Rhema* de Deus como se fosse *Logos*. E ao fazer isso estava dando *mau* conselho e enviando alguns irmãos por uma estrada pela qual nunca o Senhor tencionara que caminhassem. Causou muito pesar e dificuldades. Alguns até trouxeram vexame ao trabalho de Deus. Felizmente, logo percebi meu erro, isto é, que nem todos tinham recebido uma palavra *Rhema* para este ministério particular. ?????-que não é produtivo esperar que toda situação seja solucionada seguindo-se o método usado por Deus para resolver alguma circunstância específica.

E não é óbvio que todo o Ministério da Fé tende a seguir este mesmo caminho? O simples fato de Deus ter abençoado alguém, curado alguém, respondido miraculosa e abundantemente a alguma oração, não significa que Deus, daí para a frente e para sempre, é obrigado a lidar da mesma forma com toda situação parecida.

Simplesmente não é assim que Deus opera. Nosso Pai Celestial, sendo onipotente e infinitamente capaz, possui uma multidão de maneiras com as quais lidar em *dada* situação. E sendo onisciente, ele sabe que aquilo que trará *bem* a

longo prazo para a experiência de determinada pessoa, pode trazer *prejuízo* a longo prazo a outro indivíduo na mesma, circunstância. De modo que Deus dá ou retira, abençoa ou adia, age ou espera — dependendo da circunstância — as personalidades e potenciais de cada indivíduo.

Quão errados estamos ao tentar restringir Deus ao que *nós* podemos ver. Tome outro exemplo de um acontecimento bíblico e então imagine de que modo ele seria promovido hoje. Atos 5:15 conta--nos como as pessoas eram curadas enquanto a *sombra* de Pedro passava sobre elas ao lado dos caminhos.

Pode imaginar cultos sendo cuidadosamente programados para as dez horas da manhã e para as quatro horas da tarde de modo que o sol estivesse justamente no lugar certo para o culto do "Passar da Sombra"?

Tolice? Claro. Mas não são algumas das coisas que vemos ao nosso redor *menos* tolas, coisas que estão sendo impingidas como manifestações espirituais e santas do poder de Deus hoje?

Foi *Pedro* desviado por esta manifestação estranha? Evidentemente não, pois não vemos mais menção desta metodologia em lugar algum da Bíblia. Evidentemente Pedro percebeu ser esta uma situação *Rhema*. Uma situação na qual Deus *escolheu* apresentar uma manifestação pública de seu poder ao povo por meios *dramáticos*, e então descartou para sempre depois de ela ter servido a seus propósitos.

O simples fato de Deus fazer algo de certo modo em algum tempo não implica necessariamente que o fará da mesma forma em outra circunstância. A Bíblia está literalmente *cheia* de milagres específicos que não foram repetidos. Portanto, não posso deixar de sentir que é errado ensinar às pessoas *esperarem* Deus tornar--se estereotipado, tolhido e *restrito* aos métodos que *pessoalmente* achamos ser os que ele deve usar.

O MINISTÉRIO DE CURA HOJE

Hoje em dia é comum que pregadores façam a oração de fé e então anunciem às multidões reunidas que "*todos* foram curados. Só o que resta a fazer é apropriarem-se dessa cura". Tem esse pregador uma palavra *Rhema* especial de Deus nesse sentido? Pode ser que sim.

Mas começamos a duvidar disso ao percebermos que estes pregadores repetem a mesma palavra, noite após noite, a diferentes congregações por todos os Estados Unidos.

Há vezes quando uma palavra *Rhema* é entregue ao pregador, de que um indivíduo (ou até mesmo um grupo inteiro) vai ser curado? Acho que não há *dúvida* de que isto aconteça. E quando acontece, penso que o pregador tem a responsabilidade de proclamar essa palavra para a edificação da assembléia.

Mas quando isso se transforma em ritual, e o ministro joga a culpa do

fracasso nas *pessoas* e diz que não têm fé para reivindicar o que Deus lhes deu, algo está errado.

Agora vou dizer algumas coisas das quais muitos discordarão, e se você discordar não há problema. Mas, ao mesmo tempo, acho que tenho algumas credenciais para a *minha* opinião baseadas em vinte e cinco anos de ministério público. *E a primeira coisa que desejo dizer é que o assunto da cura é tão infinitamente complexo que ninguém (a não ser Deus) o compreende verdadeiramente.* Jó o disse muito bem — Deus é maior que o homem. Mas o que tendemos a fazer? Temos a tendência de gastar muito tempo explicando o que realmente Deus pretende quando a sua vontade não está de acordo com a nossa.

É a cura parte da propiciação? Sem dúvida alguma. Qualquer estudante da Bíblia que examinar cuidadosamente Isaías 53 terá de concordar com isso. Mas, então? Todos são curados?

Todos quantos entraram para o Cristianismo há algum tempo já encontraram ou conhecem muitas pessoas pelas quais foram feitas orações, que foram ungidas com óleo, que compareceram perante os presbíteros, e ainda assim continuam a sofrer as mesmas aflições.

Qual é a causa disso? Talvez alguns fiquem surpresos, mas *eu simplesmente não sei.* Em meus muitos anos de pregação do Evangelho, tenho lidado com milhares de pessoas na questão da salvação.

Toda vez que alguém crê na Palavra e se arrepende e aceita sua parcela da propiciação, essa pessoa é salva. Isto jamais falha. Mas a cura?

Tenho orado por muitos que *não* receberam a cura. Mas também há muitos pelos quais orei e que foram curados. Mas o ponto é: nem *todos* são curados. Qual a causa disso? Uma vez mais, simplesmente não sei.

Acho que talvez a resposta possa estar relacionada com a verdade dispensacional. O que é a verdade dispensacional? Talvez eu possa explicá-la.

A salvação, embora contenha aspectos *físicos* é, basicamente, espiritual. A cura, embora contenha aspectos *espirituais*, basicamente é física.

Os assuntos espirituais são resolvidos no céu, e uma vez resolvidos, são imutáveis e permanentes. As questões físicas, por outro lado, são interligadas com o mundo e com todos os seus problemas causados pela queda de Adão. As questões espirituais são claras e claramente focalizadas dentro da vontade de Deus. As questões físicas, por outro lado, são imensamente complexas e desesperançosamente controvertidas, por causa da natureza humana.

Pode Deus *remover* estes fatores intrincados? Ele não somente *pode*, mas o *fará* durante o reino milenial e glorioso de nosso Senhor. Mas, até então, entre os problemas inerentes na condição mundial pré-milenial está o fator da doença física (e até mesmo a morte).

Satanás não *força* Deus a permitir a morte; Deus *escolheu* (por suas boas

e suficientes razões) *permitir* a morte estar presente até que ele final e totalmente a destrua na grande culminação do seu grandioso plano. Nessa época, quando todos nos revestiremos de nossos corpos glorificados e assumiremos o estado incorruptível, não mais haverá *necessidade* de cura pois não mais existirão doenças. Até então, entretanto, devemos confiar nos motivos de Deus conceder a cura algumas vezes e não permiti-la em outras.

INCONSISTÊNCIAS INEXPLICÁVEIS

Com o decorrer dos anos tenho visto gente súbita e dramaticamente curada, as quais não viviam para Deus e que, se dependesse de *nosso* julgamento, nem mesmo pareceriam *merecer* a cura. Por outro lado, tenho visto cristãos bons, morais, e tementes a Deus, que possuem fé indisputável e um amor genuíno para com o Senhor, que não receberam a cura.

É certo que alguns podem explicar isto lindamente. De fato, eu mesmo, em algumas ocasiões o tenho explicado. Mas após termos dado toda a explicação e toda a racionalização, o fato ainda permanece intrigante.

Tenho passado muitas noites realizando cultos em que orávamos pelos doentes e Deus descia sobre o auditório e incontáveis eram curados. E em outras noites, em circunstâncias quase as mesmas, *não* havia unção no culto e praticamente ninguém era curado. No que se refere à *minha* parte, não havia diferença. Fazia o mesmo tipo de oração. Minha fé (creio eu) era consistente. Quando oro espero que aconteçam curas. E ainda, às vezes as curas vinham... e em outras vezes não.

Ora, alguns dirão que a diferença está na fé das pessoas presentes. Inclino-me a duvidar disso. É claro que temos inúmeros pregadores *culpando* os resultados (ou a falta deles) neste fator. Mas é isto válido? Certamente; a fé e o *esperar* resultados de Deus são importantes e bíblicos. Mas isso explica tudo?

Tenho visto doentes virem para receber a oração, pessoas que sofrem de três ou quatro problemas. Mencionam doenças específicas e às vezes *todos* os seus problemas são curados num instante. Outras vezes somente um ou dois do complexo são desfeitos. Como é que se explica isto?

Tenho visto outros casos em que pessoas vêm à frente com um problema e depois da oração recebem cura para outro problema diferente e que não haviam mencionado. Isto aconteceu com meu pai alguns anos atrás. Ele tinha uma úlcera que lhe causava muita dor e inconveniência. Ele foi à frente num culto e pediu oração para sua úlcera. Depois da oração sua úlcera continuou a causar-lhe problemas. Mas seus olhos, que também lhe davam problemas (mas de menor importância), foram curados no mesmo instante! Como é que se explica isto?

A única coisa de que tenho certeza é de não haver respostas no que concerne à cura. Certamente sei que Jesus Cristo cura os doentes. Sei também

que ele é o operador de milagres. E certamente louvo a Deus de todo o coração por isto, mas acho que é errado estabelecer doutrinas rígidas e dizer ao povo que sob *quaisquer* circunstâncias e em todos os casos, se não estão curados é porque lhes falta a fé. Como já disse muitas vezes, isto pode ser verdade em alguns casos, mas realmente duvido que seja verdade em *todos* os casos.

UMA EXPERIÊNCIA PESSOAL

Algum tempo atrás eu orava a respeito de uma questão específica. Era uma situação muito séria. Tinha buscado a face do Senhor ardentemente com relação à cura de um jovem. Outros, alguns dos nomes mais bem conhecidos no mundo da igreja de hoje, tinham orado por ele. Entretanto, absolutamente nada havia acontecido.

Eu me encontrava em certa cidade para uma reunião. Jamais me esquecerei daquele instante. Orava a Deus perguntando *por que* este jovem não havia sido curado, e o que *eu* tinha feito de errado.

Subitamente (e creio serem as próprias palavras do Espírito de Deus) veio-me o pensamento: "Filho, *você* não fez nada errado. Não posso dizer-lhe o *porquê* desta cura não acontecer, mas nada tem que ver com algo que você tenha ou não feito."

Então, qual é a resposta? Não sei. Tenho certeza que não me faltava fé nesse assunto. Procurei a Deus mui ardentemente. Jejeuei e orei por muitos dias.

Pode o jejum e a oração "forçar" a mão de Deus? Sei que não podem se for algo que ele escolhe não conceder. Mas ao mesmo tempo *são* bíblicos, e era só isso o que eu sabia fazer. Mas não deu resultado. Outros estavam orando e jejuando mas não deu resultado.

É possível que nessa hora alguém mais pudesse ter chegado e feito a oração da fé e trazido a cura? Não sei. Ou, talvez um de nós, em momento diferente pudesse ter visto o resultado da oração. Creio que Deus opera em estruturas de tempo. Creio que *sempre* é vontade de Deus ver os doentes curados, entretanto há tantas pessoas doentes no mundo. Temos, portanto, contradições que nós, (pelo menos eu) com nossa compreensão limitada não podemos explicar. Tenho certeza de que quando o Senhor voltar compreenderemos todas estas coisas e as razões então parecerão de uma simplicidade infantil.

Nesse ínterim, entretanto, tudo o que podemos fazer é confiar em Deus e permanecer na fé.

UM INCIDENTE DOLOROSO

Está gravado em minha mente. Estava em um restaurante com um jovem e sua esposa e eles tinham acabado de perder seu bebê, levado pela leucemia. Muitos milhares de pessoas haviam orado por esse bebê (de novo, alguns dos

homens mais santos do mundo haviam orado), e eu certamente tinha orado. Mas o bebê morreu.

Enquanto discutíamos o incidente, todos nós com lágrimas nos olhos, tive o pressentimento de que devia ter existido *alguém* que podia ter feito a oração da fé e curado essa criança. Hoje, entretanto, não tenho tanta certeza.

Em tempo algum durante a doença do bebê senti eu a segurança do Espírito Santo de que o bebê seria curado. Eu nunca tive a palavra *{Rhema}* do Senhor neste caso. Nenhuma das pessoas com as quais conversei a teve.

Deus cura realmente. A cura é parte da propiciação. Deus é o operador de milagres. No que concerne às verdades eternas de Deus, a cura é uma palavra *Logos*. Entretanto, neste caso não houve a palavra *Rhema* e a criança foi para o lar a estar com o Senhor.

Por quê? Uma vez mais, não sei. Fazendo um exame retrospectivo, depois de alguns anos de experiência, não tenho mais tanta certeza de que alguém em algum lugar pudesse ter feito a oração da fé e salvo a vida dessa criança. Também não posso dizer que foi por causa da falta de fé dos pais. De modo que excluindo estes fatores, o que nos resta? Somente a pergunta perturbadora: "Por quê?"

Em outra ocasião, encontrei-me com Raymond T. Richey, logo antes de sua morte.

Raymond T. Richey foi um poderoso homem de Deus, um dos *maiores* homens de Deus, em minha opinião. Ele presenciou curas tremendas. Muitos milhares de pessoas entraram no Reino como resultado dos milagres e curas que ocorreram nos cultos dirigidos por ele.

Entretanto, no dia em que apertei a mão deste grande homem de Deus, ele mal podia ficar de pé. Já não era jovem; seu corpo era torturado pela doença. Ao olhar-me nos olhos e dar-me alguns conselhos (conselhos que jamais esquecerei), não pude deixar de maravilhar-me dos caminhos incompreensíveis de Deus.

Aqui estava um homem que tinha visto milagre após milagre. Poder-se-ia dizer que o homem que tinha tido uma vida de tão grande intimidade com Deus por tanto tempo tivesse falta de fé? Certamente que eu não diria. Não acho que alguém depois de ter sido exposto a tantos milagres positivos de Deus, pudesse negar a realidade da mão de Deus na vida dos homens. Entretanto, ele estava curvado e distorcido pela doença, e faleceu pouco tempo depois.

Há tantas perguntas e tão poucas respostas. Sei que Deus cura. Entretanto, nem todos são curados. Presumo haver milhões de razões por que isto tem de ser assim, mas infelizmente não as conheceremos até que compareçamos perante Deus na época em que todas as coisas serão feitas novas.

Antes de sair do assunto da cura, gostaria de dizer uma palavra final. Em vista dos incidentes citados acima, inevitavelmente levanta-se a pergunta:

"Devemos, então, *evitar* a oração pelos doentes se não sentirmos uma palavra específica (*Rhema*) prometendo a cura para essa pessoa?"

Não, absolutamente não. Creio que *nunca* devemos evitar orar pelos doentes (ou por qualquer pessoa que peça nossas orações) quer percebamos uma palavra *Rhema* especial ou não. Paulo disse que devemos orar sem cessar.

Sempre temos a palavra *Logos* (Escritura) na qual nos firmar. Deus cura de muitas maneiras diferentes, e cura em estruturas de tempo as quais nem sempre podemos reconhecer. Devemos *sempre* orar com fé, crendo, *mas devemos ter cuidado em não anunciarmos a cura se não temos a confiança de ela ter sido efetuada*

Seja honesto, e fiel. Ore com fé, e então, se *sentir* a Palavra de Deus assegurando-lhe que a cura será realizada, anuncie-a. Se não, não se torne um címbalo que tine, fazendo muito barulho com pouco significado.

II. A VIDA DE CRUZ OU A VIDA DE FÉ

Por muitos anos a Igreja ensinou a Vida de Cruz ignorando a Vida de Fé. Creio que a concentração completa em um aspecto de nosso relacionamento com Deus, com a exclusão de todos os outros, é errado. Deus criou o homem e o fez uma criatura complexa que opera num mundo complexo. Portanto, creio que sua intenção para conosco é bem equilibrada — não somente em nossos relacionamentos com o mundo — mas também em nossos relacionamentos com *ele*.

Ao dar ênfase demais à Vida de Cruz (o carregar contínuo de nossa cruz), creio que a Igreja criou cristãos assimétricos. Satanás *usou* este fato a fim de trazer desânimo e derrota para as vidas dos indivíduos que sempre pareciam à beira da morte espiritual, afinal de contas.

Sob esta influência, o Cristianismo transformou-se num fardo moroso, insípido e pesado para se carregar. Era, na melhor das hipóteses, uma tarefa. Não admira que o mundo olhasse para ele e sacudisse a cabeça dizendo: "Se isto é o que o Cristianismo tem para oferecer, não quero nenhuma parte dele."

Então, aconteceu uma mudança. A doutrina da Vida de Fé estava começando a ser proclamada por todo o país.

Ora, eis aqui um conceito que a pessoa podia *ter prazer* em abraçar. Em vez de manquejar pela vida, curvado sob o peso da cruz, podíamos começar a crer em Deus para respostas poderosas à oração. Podíamos centralizar nossa teologia na afirmativa de Jesus de que viera para nos dar a vida *abundante*.

Eis aqui agora uma fé que nos *eleva*, uma fé que tira nossos olhos das questiúnculas do viver cotidiano e nos focaliza no fato de que em verdade somos filhos do Deus Altíssimo. Muitos milhares de pessoas começaram a se regozijar e a encontrar nova alegria em seu relacionamento com Deus. Começamos a ver que Jesus morreu por *nós*.

E o que *o mundo* agora vê? Uma igreja cheia de zelo, vigor e alegria. Desapareceram os cristãos de rostos tristes. Esta é uma igreja *livre*, uma igreja inflamada. Esta é uma igreja que exhibe alegria no Senhor. Milhares de pessoas *gostam* do que vêem e dizem: "Se é isto o que é o Cristianismo, eu o *quero*."

Esta é uma igreja em ação. Esta é uma igreja que cresce, uma igreja que vê pessoas sendo salvas, uma igreja disposta a firmar-se nas promessas de um Deus poderoso. Jogam de lado suas reservas e atiram-se ao Salvador e o *abraçam*.

Eu fui um dos milhares que fizeram justamente isto. Provavelmente você seja também. De modo que neste instante devemos parar e perguntar a nós mesmos: "Que caminho é o *certo*?"

A Vida de Cruz ou a Vida de Fé? Em *qual* área devemos centralizar nossa intenção? Ah, eis a questão.

Se ignorarmos a Vida de Cruz teremos uma vida sem propósito. Se ignorarmos a Vida de Fé teremos uma vida sem poder. A resposta lógica? É claro! Uma vida *equilibrada* com componentes iguais da Vida de Cruz e da Vida de Fé. Concentrar-se em uma delas, excluindo a outra, levará a uma postura cristã totalmente desequilibrada.

Foi isto o que o Espírito Santo tinha para mostrar-me alguns anos atrás. Eu estava imerso tão completamente na Vida de Fé que ignorava a Vida de Cruz.

A vida secular constituída só de trabalho sem nenhuma recreação fará com que nos esgotemos mental e fisicamente. Mas uma vida só de recreação e sem trabalho nos destruirá da mesma forma. Precisamos de *ambos* os aspectos a fim de ter uma vida espiritual boa e equilibrada.

A VIDA PERFEITA?

Faz parte da natureza humana, suponho eu, o desejo de uma vida perfeita. Hoje em dia há numerosas igrejas pequenas (e algumas não tão pequenas) aparecendo por todo o país com pregadores que dizem aos seus rebanhos que se unam a eles e terão uma vida de bênção perfeita. Nunca mais terão problemas de qualquer tipo; suas vidas estarão livres de doenças, problemas financeiros ou vexames de *qualquer* espécie.

Recebem tudo isso? Bem, infelizmente *há* funerais em tais igrejas, *há* problemas conjugais, e *há* reverses financeiros.

Talvez me acusem de estar dramatizando demais o que prometem estes pregadores. Dirão eles que *não* fazem tais promessas, não exageram os prêmios inerentes do seguir a Vida de Fé. Infelizmente, embora os pregadores possam não proferir estas promessas *abertamente*, entretanto pintam um quadro que o leigo interpreta como este tipo de vida.

Onde está o problema? Uma vez mais, em concentrar nossa atenção *total*

a uma metade da tela. Se vamos estabelecer um relacionamento com Deus, devemos estabelecer um relacionamento com o Deus *total*. Não podemos escolher as passagens bíblicas de nosso gosto enquanto ignoramos as que nos trazem responsabilidades.

Em toda a verdade, sempre que a igreja (ou parte da igreja) acentua um segmento particular do ensino total de Deus — embora esse ensino em si mesmo contenha a verdade — corre o perigo de cometer heresia.

Ora, as pessoas têm todos os tipos de definições de heresia. A maioria provavelmente diria que heresia é uma distorção *extrema* da fé cristã. Mas, em verdade, heresia pode ser simplesmente uma questão de uma verdade básica isolada, e então torcida um pouquinho.

Este tipo de heresia *existe* e, receio, há áreas de ensino cristão populares hoje que se *aproximam* deste ponto da heresia distorcedora.

Estão estes pregadores certos, então, ao centralizar seus ministérios totalmente na Vida de Fé? Até certo ponto, *estão* ensinando a Bíblia. Mas estão deixando de lado um ponto decisivo no que ensinam? Acho que estão, e estou convencido de que o ponto que os ilude é que estão prometendo coisas *do futuro!* O que esses pregadores descrevem, com toda honestidade, é o Reino Milenial.

Encaremos o fato: até que o Senhor retorne fisicamente e assuma o reino milenial, e até que sejamos transformado» e glorificados, o filho de Deus não terá necessariamente uma vida eufórica e uma existência cotidiana sem problemas. Quanto *mais* vivermos para Jesus Cristo, tanto *mais* Satanás tentará bloquear-nos com armadilhas e tentações. Esta é uma batalha contínua, uma luta constante. Este é o conflito mais colossal que jamais existiu ou jamais existirá. Enquanto outras batalhas se tenham relacionado com a vida do homem, esta batalha é pela *alma* do homem.

Enquanto ruge a batalha (e continuará a rugir até aquele grande dia em que o sinal do Filho do homem aparecer nas nuvens), não poderá haver descontração, nem pausa nem bonanças.

Infelizmente, para hoje, a Bíblia promete-nos (juntamente com todas as promessas de *alegria* que conhecemos tão bem), tribulação, perseguição e injúria da parte do mundo (João 6:33; Mateus 24:9; e outros). Pelo menos a um discípulo, foi prometida a morte por crucificação (João 21:18-19) e, segundo a tradição, *todos os apóstolos foram martirizados!*

Enquanto pensamos nestes assuntos, será realmente importante dirigir um carro grande e de luxo, ter dinheiro, fama, força ou poder? Como estas coisas contribuem para o apressamento do plano de Deus? Entretanto, o que ouvimos em tantas igrejas? Ouvimos como podemos reivindicar *estas* coisas, quase com a exclusão total de assuntos que apressarão o Reino.

A posse de "coisas" muitas vezes constitui a maior parte da pregação que

sai dos púlpitos hoje em dia. O Ensino de Fé hodierno afirma que, como filhos de Deus, devemos hospedar-nos em hotéis de luxo (ou lugares semelhantes), dirigir uma limusine, desfrutar da vida enquanto flutuamos em nossas piscinas aquecidas. *Merecemos* estas "coisas".

Infelizmente, ao ler a Bíblia, não encontro lugar algum no Novo Testamento onde Jesus (nosso exemplo) se houvesse hospedado nos melhores hotéis ou viajado em veículos de luxo.

Pare e pense a respeito disso. Se Deus é um Deus universal (e ele é), então a mensagem de Deus devia ser uma mensagem *universal*. Se a mensagem de prosperidade para os cristãos é a *verdadeira* palavra de Deus a seus filhos, então essa mensagem devia servir para todo o reino de Deus, o mundo.

Então, como é que explicamos este tipo de ensinamento à mãe cambojana enquanto acaricia a cabeça do filho que morre de fome? Como explicamos essas doutrinas aos cristãos russos escondidos no campo ou no celeiro, enquanto lêem, temerosos, à luz de lanterna ou de velas, a Bíblia mimeografada? Não podemos.

A verdade é que este evangelho da prosperidade é uma mensagem local. A prosperidade mediante Jesus só pode ser promovida com êxito numa área que, para começar, tenha grande prosperidade básica.

Paulo bem o afirmou quase 2.000 anos atrás em 1 Coríntios 4:8: *Já estais fartos! Já estais ricos! Sem nós já chegastes a reinar! Oxalá reinas seis de fato, para que também nós reinássemos convosco!*

O que Paulo está dizendo (um tanto sarcasticamente) é que agimos como se fôssemos reis, nossas barrigas estão cheias, nossa situação é cômoda, podíamos muito bem pertencer à realeza, ou aos ricos.

Mas, continua ele: *Porque tenho para mim, que Deus a nós, apóstolos, nos pôs por último, como condenados à morte; pois somos feitos espetáculo ao mundo, tanto a anjos como a homens. Nós somos loucos por amor de Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós ilustres, e nós desprezíveis.* Sinta a picada do sarcasmo de Paulo ao descrever a figura da visão mundana dos seguidores!

Até à presente hora padecemos fome, e sede; estamos nus, e recebemos bofetadas, e não temos pousada certa, e nos afadigamos, trabalhando com nossas próprias mãos; somos injuriados, e bendizemos; somos perseguidos, e o suportamos; somos difamados, e exortamos; até o presente somos considerados como o refugio do mundo, e como a escória de tudo.

No versículo catorze Paulo deixa de lado o ataque velado e audazmente conta o fato como ele é. "Admoesto-vos..." diz ele, e no versículo dezesseis acrescenta: "... *sejais meus imitadores* ..." Parece que ele estava escrevendo *especificamente* para os adeptos do Ministério da Fé dos últimos dias. Quão diferente parece Paulo quando comparado com alguns pregadores de hoje!

Acho não haver dúvida de que a preocupação com um elemento *único* da

grande obra de Deus no mundo causará um caminhar cristão distorcido. Deus é um Deus que opera milagres. Ele *realmente* deseja (e *dá*) boas coisas a seus filhos. Mas não devemos permitir-nos ficar totalmente preocupados com este aspecto do Cristianismo. Devemos precaver-nos de recompensas e posses materiais.

A experiência cristã, então, deve ser uma existência triste e miserável? Que os céus nos livrem! Problemas? Sim. Dificuldades? Sim. Mas o Senhor disse que não seríamos provados além do que pudéssemos suportar. Provações, tribulações e *experiência* são elementos que nos fazem crescer e desenvolver. O Senhor sabe *exatamente* quanto calor precisamos para chegar ao ponto mais fino da tempera. O cristão bom, bem temperado, duro como aço é o que consegue a vitória mediante Jesus Cristo. A Vida de Fé *deve* ser temperada e contrabalançada com a Vida de Cruz. De novo, devemos enfatizar o ponto crítico: nosso *propósito* é a cruz, nosso *poder* é a fé.

III. CONFISSÃO É IGUAL A POSSE — OU NÃO É?

Quando ouvi a mensagem da confissão pela primeira vez meu coração ficou emocionado. Achei que era excelente, no que se referia à base escriturística. Em vez de confessar a opressão, dominação e derrota, finalmente havia uma mensagem de elevação, maestria e vitória. Pela primeira vez estávamos começando a ver a realidade do poder de Deus. Jesus Cristo *é* Rei dos reis e Senhor dos senhores. O filho de Deus *pode* ter a vitória. Jesus realiza milagres hoje.

O ministério da confissão mudou a *minha* vida. Levou-me da derrota para a vitória. Jamais deixarei esta mensagem e serei eternamente grato por tê-la recebido. Toda vez que ouço um filho de Deus confessar derrota, repetir uma ladainha de desânimo e tribulação, o coração dói--me dentro do peito. Tenho certeza de que isto também perturba a Deus.

Mas logo comeci a perceber uma distorção crescente no princípio da confissão positiva. Em pouco tempo começou a ser pregado que podíamos realizar nossos desejos por meio da confissão. Podíamos confessar riquezas, fama, poder e popularidade, e logo tudo isso seria nosso. Podíamos confessar a cura, e a cura corporal tornava-se *inevitável!*

O problema é que a confissão e a reivindicação podem-se tornar um encantamento, a mágica do feiticeiro. Com toda a honestidade, a confissão chegou ao ponto hoje em dia em que os cristãos devem ter cuidado para que não se encontrem num cativeiro devido ao *excesso* de confissão.

SOBERANIA — DE DEUS OU DO HOMEM?

O problema, é claro, é que uma vez que este princípio de concretizar desejos carnis por meio da confissão seja distorcido em heresia, Deus perde a

soberania e o homem a assume. Deus logo se transforma num menino de recados.

Oh, fazemos questão de ser gente da "Palavra" vivendo somente para os desejos de Deus em nossas vidas. Mas o que estamos realmente fazendo? Estamos firmes com Deus, mais pelo que podemos *obter dele* do que podemos *dar a ele*. Logo *estamos* prontos a julgar, em qualquer situação, qual a vontade de Deus para esse dado momento. Tomamos um princípio *Logos* e o carregamos como se fosse nossa própria invenção *Rhema*.

Dizem-nos que saúde perfeita, prosperidade perfeita e paz perfeita serão nossas se tão-somente distribuirmos as palavras de Deus corretamente. Ora, não é *essa* uma doutrina irrefletida? É de admirar que muitos corram para as igrejas que promovem esta atitude?

Certamente que não há nada de *errado* com o desejar saúde perfeita, paz perfeita e perfeita prosperidade para nós e para nossas famílias. É bem humano. Mas os fatos frios e duros da existência deviam convencer-nos de que tal situação raramente existe.

Devemos encher nossa vida de pensamentos positivos, pensamentos santos e pensamentos morais. É com este material que se constrói uma vida cristã sólida. Mas não devemos "exigir" que Deus nos recompense ao fazermos tal coisa. Isso devia ser nosso modo de vida, e não um meio para chegar a um fim.

— Mas —, dizem eles — a Palavra de Deus garante-nos essas coisas!

Sim? O que dizer de Paulo e da descrição de *sua* carreira como servo de Deus, em 2 Coríntios 11:23-28? Tem esta a aparência de um cristão que só teve as boas coisas do mundo? Entretanto, estes mesmos pregadores usam a própria palavra de Paulo a fim de promover muitas de suas doutrinas.

Deus não se deixa escarnecer, mas receio que muitas vezes chegamos à beira de escarnecer a Deus quando começamos a tratá-lo como uma espécie de um papai Noel glorificado, em vez da deidade suprema que *realmente* ele é.

Não sei qual é a opinião da maioria dos cristãos, mas sei que, para minha situação, não *desejo* assumir a soberania de Deus, e que sempre tenho tentado e pretendo continuar tentando sujeitar-me à *sua* vontade.

Não importa quão inteligentes *pensamos* ser, não importa quão bíblicos somos em nossas conclusões, não podemos jamais esperar ter um centésimo de sua sabedoria. De modo que quando tentamos restringir a Deus a fim de fazer com que *ele* opere dentro das soluções que *nós* providenciamos, estamos colocando em perigo os melhores interesses para nossa vida, e para a vida de muitos que estão ao nosso redor.

PALAVRAS PROIBIDAS

Previne-se aos cristãos, hoje em dia, a que nunca usem palavras como dor,

doença, fracasso, derrota, pesar ou morte. . . ainda que tais coisas *existam*, ainda que estejam acontecendo ao nosso redor. Supõe-se que se omitirmos tais palavras de nossas conversações, livraremos o mundo — ou pelo menos *nossas* vidas — do perigo de tais calamidades.

O que teriam os professores atuais deste "sistema" dito a Paulo se estivessem presentes quando ele compôs as passagens citadas acima de 1 Coríntios 4? Teriam criticado Paulo por ter dito ser fraco e desprezado, faminto, nu e vilipendiado? Tê-lo-iam expulsado de sua congregação por ter feito má confissão?

Como reagiriam esses mesmos pregadores ao estado real de Paulo, que foi de relativa pobreza a vida toda? Paulo certamente sabia que Jesus havia tomado para si mesmo a pobreza dele, Paulo. Por que, então, Paulo não confessou riquezas da maneira que a maioria dos mestres modernos recomendam, pedindo que o Senhor lhe desse conforto e riqueza, *enquanto* viajava pelo mundo espalhando o evangelho? Não seria ele criticado hoje, pela maioria das congregações de fé, por *aceitar* as condições que o seguir ao Senhor lhe acarretara?

Quem, então, está certo? Está Paulo — o dedicado e longânimo servo de Deus que aceitou com louvor e ação de graças o que não podia mudar? Ou, estão os mestres modernos que categoricamente tacharam tais confissões de fé erradas e negativas, até mesmo pecado?

Creio que o *exemplo* de Paulo, para não mencionar todos os ensinamentos escritos que ele nos deixou, seja um mandato claro para que sejamos realistas em nossa caminhada com Deus. Quando morre uma criança, a esposa, ou os negócios fracassam — estaremos sendo derrotistas se sentarmos e chorarmos? Ou estamos sendo honestos, realistas e humanos em nossa reação a essas tragédias que inevitavelmente sobrevêm aos cristãos de tempo em tempo?

Obviamente Paulo não pregou um evangelho utópico. Ao sobrevir-lhe a derrota não hesitou em admiti-la. Quando a víbora lhe picou a mão depois do naufrágio, ele não negou que a serpente estivesse lá e fosse real. Sacudiu a cobra no fogo e então entregou a situação a Deus. O Senhor neutralizou o veneno da serpente, e tenho certeza de que Paulo deu louvores a Deus por isso. Ele não fez, entretanto, uma confissão de não haver serpentes no mundo.

Mas, e o ensino de hoje? Eis o que um pregador pediu que seu auditório repetisse depois dele alguns dias atrás:

"Tudo o que eu tocar terá sucesso. Não posso falhar. Nada que eu tocar poderá falhar. Tudo o que eu tocar terá sucesso. Não conheço fracasso."

Ouvir tal disparate faz com que imaginemos se *temos* ou não a tradução correta da Palavra de Deus. Certamente que não há nada parecido com isto em *minha* Bíblia. Se vamos tornar Deus *cativo* de cada capricho nosso, ele não será mais que um mordomo que espera por nossa ordem. E o que acontece, então, se

meu plano falha? Bem, obviamente deve ser falta *de Deus*. Se ele não fizer exatamente o que eu pedir, *ele* deve ter falhado no emprego.

O fato básico aqui — e é bastante perturbador — é que o homem, em verdade, está-se colocando acima de Deus. As teologias que exaltam o homem devem, inevitavelmente, fracassar. Por quê? Porque a verdade sempre triunfará e a verdade é que estamos aqui para o prazer *de Deus*, e ele *não* está aqui para *nosso* prazer. É o grandioso plano de Deus que finalmente emergirá vitorioso, e não o do homem.

CONFISSÕES E CURA

Fazem-se orações por milhares de pessoas hoje em dia. E, embora não haja prova de melhoria em seu estado, são instruídas a confessar que *estão* curadas, e continuar a confessar a cura, não importa o que a evidência física possa revelar. Alguns mestres dão um passo à frente e admoestam aos supostamente curados que não devem, sob *quaisquer* circunstâncias, *negar* sua cura procurando ajuda médica.

Acho que esta é uma prática extremamente perigosa. Pense nas mulheres que têm caroços nos seios. Pense nos homens com pressão alta. Pense nos jovens que têm no cérebro tumores do tamanho c.e um grão de feijão. *Todos* estes estado³, recebendo tratamento médico logo de início, possuem um índice de cura excelente. Mas o que acontece quando o mau conselho de algum mestre da fé é seguido? Muitos destes casos são fatais. Promove isto os interesses de nosso Senhor e Salvador?

Devemos então desistir de orar pedindo a cura e, em vez disso, correr para o médico? É claro que não. Jesus cura *realmente*, e continuará curando até voltar em poder e glória e banir *toda* a doença da terra. Mas, na ausência de uma palavra *Rhema* de cura definida em relação ao estado específico, creio que tais mestres e pregadores têm ido além de suas posições cristãs (para não mencionar o bom-senso), ao excluírem o conselho médico. Continuemos a orar pelos doentes em toda oportunidade. Mas não coloquemos em perigo a recuperação desses casos, negando-lhes o direito de consultar um médico para o diagnóstico e possível tratamento.

QUEDA ESTREPITOSA

Algum tempo atrás tive uma experiência com um santo homem. Tinha, e ainda tenho, a mais alta consideração por ele com respeito à moralidade de sua vida cotidiana e de sua consagração a Deus. Se eu estivesse em necessidade de oração, ele seria uma das primeiras pessoas a quem pediria que intercedesse junto a Deus a meu favor.

Ele e a esposa estavam de férias. Ao chegarem ao seu destino a esposa telefonou-me. Estava quase histérica. Seu marido estava em estado de coma já

havia algum tempo. Enquanto dirigia o carro para a cidade onde deviam ficar, ele perdeu a consciência várias vezes no volante. Toda vez ela era forçada a tomar a direção a fim de evitar que o carro caísse ladeira abaixo ou passasse para o outro lado da estrada.

Quando ele recobrou a consciência, falei com ambos pelo telefone. Orei com eles e para eles, e cri em Deus para a cura de qualquer que fosse o estado ou coisa que estava causando o problema. Então pedi-lhe que fosse ver o melhor médico da área a fim de descobrir a causa desses ataques. Prometeu-me fazer justamente isso e fiquei descansado.

No dia seguinte, entretanto, telefonaram de novo. Parece que depois de nossa conversa, outro pregador, em quem tinham muita confiança, havia conversado com eles e orado por sua saúde. Depois da oração, havia-lhes aconselhado que não *negassem*, a cura indo consultar o médico.

Argumentei com eles. Estava bastante preocupado, não somente por importar-me profundamente com ele, mas também por causa da posição que ele ocupava no ministério. Meus protestos não deram resultado. Achavam que fazia sentido. Se iam reivindicar esta cura, parecia-lhes lógico proclamar sua fé recusando-se a consultar o médico neste assunto.

Ora, a atitude era, de fato, muito egoísta e deveras, perigosa. Não havia certeza de que ele não perderia a consciência outra vez. O que dizer das pessoas inocentes que ele podia afetar *se* perdesse a consciência? Era justo que ele demonstrasse *sua* fé envolvendo pessoas estranhas nas ramificações de sua decisão? Mas não teve jeito. Estavam convencidos de ser esta a estrada certa a seguir.

Pelo fato de ele confiar em mim, talvez eu pudesse ter feito mais do que fiz. Talvez eu pudesse ter insistido em que fosse ver um médico. Mas nesse instante fiquei num dilema e acabei não fazendo mais que viver com a situação.

Passaram-se algumas semanas. Parecia, talvez, que o Senhor tinha desfeito os seus problemas; mas então ocorreu uma tragédia. Houve um desastre de automóvel. Como era de se prever, ele tinha perdido a consciência no volante de novo e batido em outro carro ocupado por uma jovem mãe e seu bebê. Louvado seja Deus, a despeito da severidade do impacto, nem ela nem o bebê saíram seriamente feridos. Então descobrimos que nosso irmão também tinha escapado sem ferimentos graves. Outra vez, louvado seja Deus que, às vezes protege os que não são sábios o suficiente para proteger a si mesmos.

Ele foi levado para casa e se desculpou por sua recusa em consultar o médico. De fato, concordou em marcar uma consulta para o dia seguinte com um médico cheio do Espírito. E o que revelou o exame? Que nosso irmão tinha um problema relacionado com a pressão alta. Os medicamentos rapidamente controlaram a situação.

Pensemos neste incidente por alguns instantes. Aqui estava um caso de

zelo mal dirigido em que um cristão sentia a necessidade de *provar* sua entrega. A. quem estava ele provando? Certamente que não tinha de provar nada a mim. Eu já conhecia seu caráter e postura cristãos. Obviamente não tinha de prová-lo ao Senhor porque o Senhor conhece o coração. Entretanto, ele insistiu obstinadamente no princípio que quase lhe causou a morte, e inadvertidamente envolveu uma mãe inocente e uma criança que *podiam* ter sido mortas ou ficado permanentemente aleijadas. Indica tal ação boa atitude e motivo cristãos? Creio que não.

Acredito que este caso demonstra o que é atravessar a fina linha divisória entre a fé e a presunção. Ele estava disposto a *assumir* certos fatos, embora soubesse que estes fatos, de modo nenhum, eram verificados. Ao fazer isso, colocou em perigo não somente seu estado, mas as situações de outros também.

E *foi* ele curado pelo Senhor? Obviamente não estava curado quando o acidente aconteceu porque a causa do acidente foi a perda da consciência. Todos nós continuamos a ir a Deus pedindo sua cura. E hoje ele prega o evangelho e realiza uma grande obra para o Senhor.

Mas temos de voltar ao *extremo* dos mestres da Fé. Aconselharam-no a fazer o que ele fez. *Insistiram* em que qualquer contato com os médicos seria um *repúdio* da cura que o Senhor já lhe havia "entregue". Ele poderia ter morrido como resultado do conselho deles, não só ele mas também essa jovem mãe e seu filhinho inocente.

São tais casos incomuns? Não, e às vezes não são tão sérios como este. Recentemente uma mãe e um pai pediram oração por seu filho que sofria de astigmatismo, o que fazia com que ele tivesse de usar óculos. Presumo, uma vez que nem o pai nem a mãe usassem óculos, houvesse um componente de vaidade no caso. Mas assim que foram feitas orações por ele, e o pregador proclamou sua cura, a mãe e o pai esmagaram os óculos com os pés a fim de demonstrar sua "fé" na reivindicação da cura.

O que aconteceu? Seu trabalho escolar sofreu porque ele não podia ver, e finalmente a mãe e o pai tiveram de comprar um novo par de óculos. Nenhum prejuízo sério de longo prazo fora causado e ninguém saiu ferido. Mas isto aumenta a fé das pessoas às quais os pais *proclamaram* a cura? Acho que não.

Confessar uma mentira traz vergonha à Bíblia toda e questiona a própria divindade de Cristo.

Mas até a confissão positiva, levada ao extremo onde se torna heresia, pode levar os cristãos ao ponto de pensarem que podem *influenciar* a Deus para fazer o que desejam. Sob a influência de pregadores que lhes dizem ser seu *direito* esperar qualquer coisa que confessarem, começam a tentar fazer desaparecer doenças, mortes de pessoas amadas, problemas financeiros ou o que quer que seja, mediante a confissão. Quando essas tragédias ocorrem, muitos deles voltam-se contra Deus, perdendo completamente a fé em sua onipotência.

Por quê? Porque seus mestres lhes disseram ser seu *direito* de filhos de Deus, *esperar* que Deus os ouça e cumpra seus desejos.

Hoje em dia há muitos milhares de cristãos arrastando-se pela vida como zumbis porque sua fé foi rasgada, despedaçada e quase destruída por causa de ensinamentos mal orientados como estes. É claro que você pode abanar a mão mandando essas pessoas embora com a afirmativa de que não tinham fé, ou que cometeram um erro em algum lugar ao recitar as palavras, ou confundiram a fórmula.

Bem, mande-as embora, se puder, mas sinto que não posso. Não acho ser *correto* desviar as pessoas e então causar-lhes ainda mais desespero colocando a culpa do fracasso sobre elas. Creio que o fracasso está, não necessariamente na falta de fé por parte da pessoa que pede, ou na confissão incorreta, mas no erro do método que está sendo promovido pelos mestres.

Como disse antes, uma confissão correta sempre é adequada. O filho de Deus deve alimentar-se regularmente da Palavra de Deus. E deve *confessar* corretamente a Palavra. Então deve examinar suas *atitudes* a fim de ver se está focalizando sua atenção no copo meio vazio ou no copo meio cheio. Ele *deve* confessar a vitória, mas ao mesmo tempo, não a deve levar ao ponto ridículo de estar confessando uma mentira.

Nada ganhamos com nosso zelo em promover os fins de Deus envolvendo-o na promulgação de mentiras. Questões levadas ao extremo ilógico *são* mentiras. Tudo o que não é *completamente* bíblico é mentira. Mentira é heresia e inevitavelmente a heresia termina em destruição.

FINALMENTE

Encontramos, hoje em dia, grupos que confortavelmente dão a impressão de ser algum tipo de raça superior. *Ninguém* teria problemas ou dificuldades se tão-somente fosse "como eles" e seguisse o seu exemplo. A impressão que transmitem é de auto-satisfação e complacência por serem eles os que têm o "sistema" que nos pode ligar à casa dos tesouros das bênçãos de Deus.

Creia-me, esta atitude convencida, que só serve ao proveito próprio, não vem de Deus. A Palavra de Deus, levada às suas conclusões últimas, sempre traz mansidão. A pessoa que realmente tem a aparência de Cristo exala humildade. Leia o Novo Testamento. A imagem dominante do próprio Cristo enquanto andava na terra, era de humildade.

Concluindo, gostaria de dizer isto. Dizem-nos, repetidamente, que se seguirmos todas as fórmulas corretas, e fizermos todos as confissões certas, os resultados *inevitavelmente* seguirão. Mas o que estamos vendo? *Menos* curas do que víamos alguns anos atrás. Parece que a pergunta: "Contudo quando vier a Filho do homem, porventura achará fé na terra?" (Lucas 18: 18) confronta *esta* geração.

Deus, pelos anos, tem-nos dado grandes exemplos de seu poder de aumentar nossa fé. Mas será que ele, perturbado com nossos excessos de "procura pela fé" e "fé pela procura", vai ser *forçado* a retirar seu apoio a fim de ver como nos saímos por nossa própria conta? Espero que este não seja o caso. Mas quando a fé e a presunção se interligam irrevogavelmente, pode ser preciso a intervenção divina a fim de corrigir as coisas.

Muitos falam de fé, mas pergunto a mim mesmo quanta fé *real* existe. Jesus definiu a fé em João 20:29. *Bem-aventurados os que não viram e creram*. Muitos falam de prosperidade, hoje em dia, mas não posso deixar de indagar a mim mesmo quantos são verdadeiramente prósperos no *Espírito*. Acima de tudo, enquanto gastamos tanto tempo concentrando-nos na Vida de Fé e nas recompensas advindas dela, temos nós completamente perdido de vista a questão crucial da Vida de Cruz?

A VIDA DE FÉ EQUILIBRADA

Existe a Vida de Fé, e existe a Vida de Cruz. Se seguirmos uma delas, com a exclusão da outra, teremos uma vida cristã *distorcida*. Devemos aprender a não ir para nenhum dos extremos, e centralizar nossa caminhada cristã no *meio* da estrada. Desviarmo-nos demais para cada *um* dos lados pode fazer com que caiamos ao chão da arena abaixo de nós. Há uma palavra que deve ser nossa senha se desejamos ter a vitória e quisermos conservar as obras de Deus até ao fim: Equilíbrio! Que o Senhor o abençoe e guarde. Amém.